SUMMARIO.

—

CONHECIMENTOS-UTEIS: Economia-politica (*Continuação*) — Polvora d'algodão — Remedio contra o injoo do mar — Meio de figurar velho o viuho novo — Descuberta do stethoscopo e da auscultação ou escuta (medicina) — Instrucção-publica (*Continuação*). PARTE-LITTERARIA: Viagens na minha terra (Capitulo ultimo) — Da poesia lyrica entre os antigos — Convenção a favor da propriedade litteraria ajustada entre a Inglaterra e a Prussia — O Perigrino (Poesia) — Bibliographia (Annuncio.) VARIEDADES: O rei dos floristas — Circo Laribeau (Debute do Sr. Auriol) — Miscellanea — Correio Extrangeiro — Correio-Nacional.

CONHECIMENTOS UTEIS.

ECONOMIA-POLITICA.

V

905 — 101 A liberdade do trabalho é um principio, ainda que controvertido, adoptado hoje por todos os economistas distinctos; mas a questão é quasi meramente scientifica, por assim dizer, porque em poucos Estados ainda tem ella sido incluida na direcção geral dos negocios. Os defensores dos regulamentos governamentaes da industria, julgam que sería conveniente disciplinar o trabalhador com um *tirocinio obrigado* que desinvolvesse as suas faculdades; e superintender no trabalho por meio da *organização*, para se obterem productos mais bonitos e melhores, limitar a concorrencia e sustentar os salarios.

102 Estas hypotheses são falsas. A liberdade do trabalho é o melhor modo de o tornar util, e de pôr a população em estado de se equilibrar com os meios e productos do trabalho. A experiencia tem mostrado que:

A divisão official das proffissões é impossivel;

Que o tirocinio obrigado é impotente e tyrannico.

Hoje, o genio da invenção serve-se do vapor, ámanhan da electricidade; aqui, serve-se da luz, acola, do calorico; ora, descobre novas verdades, ora, mostra melhor applicação das antigas verdades. É uma decomposição e recomposição constante das combinações do espirito e reacções da natureza. Como se póde pois pensar em classicar os trabalhos humanos, em pôr barreiras em coisa alguma? Deixemos obrar o genio: elle paira sobre nós, e, ministro da providencia, so elle rege o trabalho.

103 O tirocinio obrigado não póde ser garantia do saber do trabalhador, nem da boa-fe do productor, nem evita a concorrencia, como se diz. A liberdade é o estimulo mais activo da instrucção. A experiencia prova que hoje ha menos fraudes do que havia no tempo das corporações d'artifices. Em quanto á concorrencia, além d'outras circumstancias, seria necessario, para que ella podesse ser limitada, que as profissões estivessem perfeitamente classificadas, o que é impossivel, e que o numero dos trabalhadores fosse limitado em cada profissão; mas o que se faria dos que sobejassem?

104 Pelo que respeita ao consummidor elle sería obrigado a resgatar os objectos em vez de os comprar. Ainda mesmo admittindo a policia no que toca á quantidade, bem se ve que em quanto aos preços não abaixariam nunca. Ainda depois quando se tractar da liberdade do commercio se dirá mais alguma coisa a este respeito.

105 Do que fica ditto se deprehende que os regulamentos governamentaes so podem ser admittidos em muito poucos casos; v. g. no que respeita á moral, e ainda á policia, e á saude publica.

106 Cabendo agora fallar na natureza do capital, recordarei o que ja disse, que o capital differe dos outros dois instrumentos da producção, porque é um instrumento artificial, obtido pelo homem, e que elle póde augmentar quasi indifinidamente. Capital, como ja disse tambem, são todos os instrumentos appropriados necessarios á industria; os talentos adquiridos etc. Até certo ponto, o *homem é tambem um capital.*

107 Para intender bem a natureza do capital convem saber o que é *avanço* e *consummo*. Avanço é o valor empregado de tal fórma que venha a ser depois restabelecido. Assim como *produzir*, em economia-politica não significa crear da materia mas sim crear do valor, tambem *consummir* não significa destruir a materia mas sim destruir o valor. Por *consummo* deverá intender-se pois a destruição parcial ou total da *utilidade*, isto é: d'essa quantidade moral ou antes economica que dá valor á materia, e a torna em riqueza. Ainda que o valor capital seja conservado, os productos de que o capital se compõe são verdadeiramente consummidos em todo o rigor da palavra, porque foi destruida a utilidade que n'elles se achava. Por exemplo, quando de uma substancia que fornece uma tincta, se tirou toda a materia colorante, para tingir panno, v. g., essa substancia, que tinha valor como droga de tincturaria, ficou verdadeiramente destruida porque perdeu o seu valor de permutação.

108 Se observarmos pois de que consta a operação de um imprehendedor, acharemos: 1.° que consiste no consummo dos objectos em que se exerce a sua industria, e dos instrumentos empregados, jornaes etc. 2.° que estes consummos todos são avanços, porque d'elles provém um producto que reembolsa o imprehendedor. Estes avanços e estes consummos parecem menos faceis de conhecer na industria commercial que nas outras; mas as mercadorias que se compram podem ser consideradas como a materia-prima em que se exerce a nossa industria. As funcções de um capital são fornecer o valor d'estes avanços, isto é: deixar-se consummir para renascer com outras fórmas, deixar-se consummir outra vez para renascer ainda, e assim por diante, constantemente, de um modo productivo. Em summa, um capital é uma somma de valores consagrados a fazer os *avanços* da producção: o imprehendedor é quem o consomme e reproduz, ou o capital seja propriamente seu, ou lhe seja abonado.

109 Tam depressa como os avanços feitos afavor de uma producção são reembolsados, pela realização do producto que d'esses avanços resulta, podem-se estes empregar outra vez; de modo que o mesmo capital sirva muitas vezes para muitos productos no mesmo anno. Se, por exemplo, um padeiro comprar diariamente a farinha e a lenha de que precisar para fazer o seu pão, e vender tambem este todo diariamente; o seu capital empregado n'esta industria será antecipado trezentas e sessenta e cinco vezes por anno, e reembolsado outras tantas.

110 Os capitães são *fixos ou circulantes*. Chamam-se fixos aquelles que podem render sem mudar de possuidor; como os locaes que servem para a producção, as bemfeitorias feitas nas terras, as machinas e instrumentos que facilitam ou abreviam o trabalho, os talentos etc. Chamam-se capitaes-circulantes os que não podem render senão por effeito da permutação; como o dinheiro e outros valores de circulação, as materias-primas que a producção deve transformar, comprehendendo os trabalhos ja feitos etc.

111 As proporções a guardar entre o capital fixo e circulante que se deve empregar nas diversas profissões variam muito. Muitas vezes não se tira bom resultado de uma empresa porque se fixou muito capital e foi mesquinho o fundo circulante. Assim, quem edifica um palacio para uma coisa que apenas exigiria um telheiro; ou os que dispendem grande massa de capitaes em trabalhos de luxo, estereis ou pouco productivos, commettem grande êrro contra os seus interesses.

112 Os capitaes fixos tendem a deteriorar-se, por mais reparações que lhes façam, e perdem boa parte do seu valor quando os mudam de applicação.

113 As bemfeitorias feitas na terra são o capital mais solido das nações.

114 Uma capacidade que se adquire, os talentos, deterioram-se tambem pelo uso; e a sua analogia com os outros capitaes fixos é completa.

115 Ja se ve que ha capitaes *materiaes* e *immateriaes*. Os immateriaes chamam-se tambem *moraes*, e o seu sentido não está ainda bem definido, comprehendem a capacidade adquirida etc. Os materiaes, chamam-se tambem *faculdades industriaes*.

116 Ha ainda o *capital publico*, que consta principalmente das vias de communicação; e o *capital nacional*, que é a somma do capital publico e de todos os capitaes particulares.

117 Os capitaes podem tambem ser considerados como *productivos* e *improductivos*, segundo as circumstancias. O numerario em caixa é improductivo em quanto que alli permanece, e assim muitos outros capitaes. Dos capitaes *ficticios* fallarei quando tractar do dinheiro.

118 Os capitaes formam-se das economias dos lucros e sua accumulação successiva, com o fim, não de inthesoirar ou guardar em monte, mas para fazer avanços á producção.

119 Seja qual for a coisa em que resida o valor economizado, ahi está o capital.

120 Quando fazemos diligencia por adquirir talentos, educâmos um filho etc. se esses talentos são lucrativos representam um capital cujo valor está nos lucros que elles nos podem grangear. Se os talentos são meramente agradaveis nem por isso o seu lucro é menos real porque elles satisfazem os nossos prazeres

121 Quando um genero de industria dá grandes lucros, a concurrencia precipita-se sobre elles e os reduz. Quanto ás accumulações feitas a favor de lucros abesivos, consequencias de monopolios, sinecuras, jogos etc., parecem-se com todas as fortunas que são resultado da espoliação; ellas exercem grande acção dissolvente na moral das nações, porque não são os seus lucros annuaes que os accumuladores ajunctam aos seus capitaes, é uma parte dos lucros dos legitimos productores.

122 Segundo o modo porque se formam os capitaes, conhece-se que as economias não diminuem as despezas e que n'uma cidade industriosa onde se economizar muito, dispende-se ainda mais do que no palacio de um principe onde se dissipa enormemente, porque as despezas são inteiramente outras. Um povo economico e observador dispende todas as suas rendas em produzir os objectos que são mais procurados: e como estes objectos são os que se vendem melhor, ve-se então que a producção se dirige para os productos mais proprios para o consummo reproductivo.

123 Se a intelligencia do homem é a causa da sua superiorioridade, ésta intelligencia revella-se nos processos por elle empregados, principalmente em reunir os meios de producção, em crear de um certo producto muito mais do que o que nós podêmos consummir d'elle, e em trocar o seu superfluo por os outros de que carecemos.

(Continúa.)

POLVORA D'ALGODÃO.

906 Verifica-se comeffeito a noticia que se deu n'um dos correios da REVISTA, da descuberta de uma polvora feita d'algodão. Não so M. Arago se occupou d'esta descuberta em duas sessões da academia das sciencias de Paris, dizendo que a nova polvora fulminante era dotada de uma fôrça de propulsão prodigiosa, e que parecia destinada a fazer uma revolução em todas as armas de fogo; mas ainda a 10 do passado (outubro) se fizeram em Londres novas experiencias que confirmaram a importancia do novo invento. Uma balla atirada com uma carabina carregada com $54\frac{1}{2}$ grãos de polvora ordinaria, atravessou sette tabuas com a grossura de meia polegada cada uma, a distancia de trinta metros. A mesma arma carregada so com 40 grãos de polvora d'algodão fez atravessar a balla nove das mesmas tabuas a egual distancia. E n'outra experiencia a balla atravessou oito tabuas na distancia de mais de cincoenta metros.

M. Schænbein, natural de Berlim, é o inventor d'este novo meio mais apurado de destruição; mas os jornaes francezes recentemente chegados dizem, que um ingenheiro mecanico, M. Morel, e um tal M. Chodzko, são inventores tambem, o primeiro, de uma polvora a que chamou algodão-fulminante, e o segundo de outra composição de tonante extrahida do algodão, a que deu o mesmo nome que M. Schænbein deu á sua. Muitas experiencias se fizeram ja d'estas duas polvoas na presença de alguns generaes de artilheria, membros da academia das sciencias, e muitos officias militares.

Terei o cuidado de dar conta do que occorrer sôbre este curioso objecto.

REMEDIO CONTRA O INJOO DO MAR.

907 Le-se n'um jornal de medicina francez o seguinte:

« Descubriu-se recentemente que o crèosote, ja empregado como remedio contra as dores de dentes, é o melhor preservativo contra o injôo do mar. Parece que quando o mar está n'um estado normal, de dez pessoas que adoecessem de injôo, sem o soccorro do créosote, nove não sentirão a menor indisposição se recorrerem a este novo meio. Empre-

ga-se para este fim quasi como o ether; isto é: deitam-se algumas gottas n'um vidro de agua ou em cima de um pouco de assucar. D'aqui não resulta nenhum outro inconveniente ulterior para o estomago.»

MEIO DE FIGURAR VELHO O VINHO NOVO.

908 Diz-se que para conseguir isto se deita o vinho novo n'uma garrafa que tenha estado com vinho velho deixando por encher coisa de um copo. Depois de ter tapado bem a garrafa, mette-se em agua quente (60 graus de Reaumur) até ao gargallo e deixa-se estar obra de uma hora. O pé do vinho velho tendo-se communicado com o novo, muda-se este de garrafa e rolha-se muito bem. Parece ser este o meio que empregam os negociantes de vinho na Italia, para figurar ao vinho novo dez ou doze annos, por o menos. O seu paladar é tal que os mais peritos conhecedores se inganam. Assim o affirma um jornal italiano d'onde isto foi extrahido para aviso dos amadores.

DESCOBERTA DO STETHOSCOPO E DA AUSCULTAÇÃO OU ESCUTA.

909 Os medicos de todas as idades teem procurado os signaes proprios para conhecer e distinguir as molestias do peito. Seus esforços não teem sido seguidos de grandes successos, por isso que se limitavam á simples *inspecção*, e ao *circumstanciado estudo das lezões das funcções*. Com tam insignificantes dados o diagnostico das molestias de peito devia estar (como dizia Baglivi) mais obscuro, que o de outro qualquer orgão interno. Até ao começo do nosso seculo pouco ou nada avançou esta parte da sciencia, e póde dizer-se, que n'este mesmo grao se conserva para uma grande parte dos nossos medicos e cirurgiões, os quaes (sem pejo) declaram que a sciencia se acha no mesmo adiantamento, em que estava, haverão 30 annos. Sem duvida, se a arte de curar tem feito progressos, é na perfeição e grao de certeza mathematica com que hoje se diagnosticam as lezões do coração, pulmão e grossos vasos. Pertence ao nosso seculo esta gloria. As molestias dos orgãos thoracicos são muito numerosas e muito diversas; tem quasi todas symptomas similhantes. A toce, a dyspnea, e em algumas a expectoração são os principaes; e as variedades, que apresentam estes symptomas, não correspondem exacta e constantemente ás alterações organicas que os produzem. So com a exploração do pulso, e exame dos symptomas, sera impossivel ao medico o mais habil não desconhecer as lezões, ainda as mais communs. Os que teem praticado autopsias confessam que antes da descoberta de Avenbrugger (*percussão*) metade das pulmonites, pleurites agudas e quasi todas as chronicas, deviam necessariamente ser desconhecidas: e que nos casos aonde o tacto do medico exercido podesse descobrir alguma cousa de similhante, raras vezes lhe poderia inspirar a confiança de lançar mão de um meio heroico.

A descoberta do ingenhoso observador, que acabo de citar, foi uma conquista, que muito enriqueceu a sciencia. Submetteu ao juizo immediato dos sentidos muitas das molestias até então suppostas pelos symptomas geraes e equivocos, facilitou mais o diagnostico e tornou-o mais seguro.

Limitada a indicação do *massiço* e do *vacuo*, não póde applicar-se senão a certo numero de lezões organicas: ainda assim são confundidas em natureza e sede, so as manifesta em estados extremos, e não as pode fazer suppor em seu principio.

Tem-se procurado um signal mais certo e seguro para as lezões do coração do que aquelle que se póde tirar pela *percussão*. Os symptomas geraes, a applicação da mão sôbre a região precordial com quanto nos auxiliem, nada de seguro nos podem manifestar.

Um dos mais distinctos discipulos de Corvisart, que primeiro applicou o ouvido ao diagnostico das lezões do coração, foi Bayle: seu professor não fazia uso, mas diz ter ouvido muitas vezes as pancadas do coração escutando a certa distancia das paredes do peito: e este phenomeno differe muito dos que hoje são observados pela *escuta*, assim como so póde ser observado em casos particulares. A applicação do ouvido, como meio de observação, remonta a Hippocrates: a essa passagem foi buscar o Sr. Dr. Lima Leitão a palavra *fervor*, termo generico com que designamos o estado anormal do murmurio respiratorio. A *escuta* immediata fiou limitada a fazer-nos destinguir as pancadas do coração, quando eram insensiveis ao apalpar: as causas, que então concorreram para limitar o progresso de tão fecunda applicação, foram o incommodo que tinha o medico, e muitas vezes o doente; a repugnancia que havia em fazer estas observações nos hospitaes, o embaraço que causavam os peitos de uma grande parte das mulheres e outras muitas considerações que se poderiam fazer. N'este estado se achava a sciencia, quando, em 1816, appareceu Laennec, discipulo do illustre professor ja citado, a quem estava reservada a gloria da descoberta da *auscultação*, e de ser admirado por todos os coévos. Tão feliz não foi Harvey com a descoberta da circulação, a quem nem a posteridade tributou admiração.

«Em 1816, diz Laennec, foi consultado por uma rapariga que apresentava symptomas geraes de molestia do coração, e na qual a *applicação da mão*, e a *percussão* poucos resultados davam em razão da sua nediez. A idade e o sexo me obstavam ao exame immediato, recordei-me de um phenomeno de acustica muito conhecido: quando se applica o ouvido á extremidade de uma trave, ouve-se a pancada de qualquer corpo dada na outra. Imaginei que podia tirar partido, no caso de que se tracta, d'esta propriedade dos corpos. Agarrei um caderno de papel, formei um rolo, fortemente apertado, appliquei uma extremidade sôbre a região precordial, e, pondo o ouvido na outra, fiquei surprehendido e satisfeito de ouvir as pancadas do coração de um modo mais distincto e claro, do que eu tinha conseguido pela applicação immediata do ouvido.*

«Presumi logo que este meio podia tornar-se um methodo util e applicavel não so ao estudo das pancadas do coração, mas ainda a todos os movimentos que podem produzir ruidos na cavidade do peito, e por consequencia a exploração da respiração, da vôz, do *fer-*

* Hoje para um pratico, que tenha o ouvido educado, é indifferente, na maioria dos casos, fazer a *escuta* mediata ou immediata. Ha comtudo molestias que so se podem diagnosticar com o auxilio do stethoscopo. Tenho tido muitissimos casos, ja quando fiz estudos especiaes, e auxiliado pelo Sr. Dr. Barral, ja na minha pratica civil.

vor—(râle dos francezes), e talvez á fluctuação de algum liquido derramado nas pleuras ou no pericardio.

«Convencido d'isto, comecei logo, no hospital de Necker, uma serie de observações que me tem dado em resultado signaes novos, seguros, faceis de apanhar na maior parte dos casos, e proprios para tornar o diagnostico de quasi todas as molestias do pulmão, pleura e coração, mais certo e mais circumstanciado que os diagnosticos cirurgicos feitos com a ajuda da sonda ou a introducção do dedo.»

Muito se occupou Laennec da fórma, e materia de que havia de ser feito o stethoscopo. O primeiro cylindro de que fez uso era um rolo de papel, que tinha dez a seis linhas de diametro, e um pé de comprimento. Como este cylindro era formado de cadernos de papel, resulta que deixavam uma escavação de tres a quatro linhas, devida a não poder enrolar-se sôbre si mesmo. Esta circumstancia fez conhecer a necessidade da escavação que deve haver em uma das extremidades do stethoscopo, a qual muito nos auxilia nas investigações dos phenomenos da *voz*, *toce*, e *fervor*.

Observou o mesmo auctor, que os corpos mais compactos (ainda que de encontro ao axioma de phisica) não são os mais proprios para formar os instrumentos. O vidro, os metaes communicam com menos facilidade, que os corpos de pouca densidade, os phenomenos das pancadas do coração, e da respiração: além da sensação de frio, e peso que causão ao doente. Experimentou os corpos menos densos; para isto, construiu um cylindro de tripa tubulado, que se enche de ar a favor de uma torneira, e o conducto central é formado de cartão. Este cylindro é inferior a todos os outros, porque transmitte um som mais grave, abate-se com facilidade, e dá elle mesmo sons que confundem os outros.

Servia-se Laennec de um cylindro de pau não muito denso, de dezaseis linhas de diametro, do comprimento de um pé, penetrado no centro por um tubo de tres linhas de diametro, e quebrado no meio, havendo em um dos fragmentos um torno arredondado na sua extremidade, do comprimento de polegada e meia. As duas peças de que se compoem são excavadas na extremidade, de modo que uma possa receber o torno, a outra um obturador da mesma fórma. O cylindro assim formado é o mais conveniente para a exploração da respiração. Forma-se um simples tubo, para a exploração da voz, e das pancadas, ruidos, rhythmo do coração, introduzindo na extremidade escavada do fragmento inferior o obturador, que é fixado a favor de um tubo metalico que o atravessa, e entra até uma certa profundidade no fragmento. Nossos praticos, aquelles que primeiro se applicaram ao estudo de tam fecunda descoberta, se serviram sempre do cylindro de Laennec. Foi A. J. S. Salgado, um dos distinctos praticos da capital, que primeiro fez importantes trabalhos, com elle morreram; e so dizemos que os fez, pelo respeito que lhe tributavam seus collegas n'esta parte. O Sr. Dr. Barral, discipulo de Laennec, tambem se serve do mesmo stethoscopo; mais alguns praticos conhecedores d'este assumpto fazem uso. Um habil artista nosso, o Sr. M. A. Silva, estabelecido na rua do Loreto, os faz de nogueira, com toda a perfeição de obra. Modernamente Piorry modificou a fórma do stethoscopo, tornando-o mais portatil, unica vantagem: a fórma é sem duvida similhante a uma trombetinha de creança, com a qual muita gente se quer inculcar conhecedora da materia, ora trazendo-os de Paris, ora mandando-os la buscar. Este instrumento, assim modificado, tem um grande inconveniente na grandeza da placa que deve ser applicada ao ouvido: esta abrange toda a concha da orelha, do que resulta um zunido, quando é ligeiramente justaposta á placa; fazendo alguma compressão, offusca os phenomenos que nos devem ser transmittidos.

So nos hospitaes se poderá adquirir o habito da auscultação ou *escuta* mediata, porque não so ha a facilidade de ver muitos casos reunidos, mas tambem a possibilidade de rectificar pela autopsia os diagnosticos feitos pelo stethoscopo, e assim termos a confiança da observação, verificada pelos nossos olhos. Levado d'estes principios, dediquei dez mezes de estudo a esta parte, na infermaria de San'José, em 1843, auxiliado pelo educado ouvido do Sr. Dr. Barral, que com paciencia buscava os phenomenos, que me deviam servir de typo, os quaes muitas e muitas vezes rectifiquei em 60 autopsias por mim praticadas; e em 108 pneumonicos, pleuriticos, e pleuro-pneumonicos; em 15 casos de variadas lezões do coração, entrando 9 casos de morte; em 12 phthisicos, e outras variadas molestias de 130 a 140 doentes que quotidianamente via.

A. M. J. Brilhante.

Lisboa 26 de outubro de 1846.

INSTRUCÇÃO PUBLICA. *

PROJECTO *

Instrucção-publica.

Dotação.

910 Desde a publicação da presente lei fica sendo da attribuição das juntas-geraes prover á instrucção-publica primaria nos seus respectivos districtos.

A arrecadação do subsidio litterario que era feita pelo thesouro-publico, passará a ser feita por intervenção d'ellas.

A sua gerencia será exercida pelo governador-civil em conselho do districto, e o subsidio será arrecadado pelo thesoureiro-geral da junta.

Existindo o subsidio arrematado por conta do govêrno pelo quadriemio de 1842 a 1845, o thesoureiro-geral, receberá sua equivalencia das contadorias da fazenda sôbre a decima, e não se podendo effectuar ésta entrega por aquelle tributo se achar affectado a quaesquer encargos, será addicionada á mesma deci-

* Continuado de pag 270.

* Este trabalho acha-se feito, como ja disse, ha uns poucos de annos, por isso em alguns pontos varía da actualidade. Mas não importa essa circumstancia, porque no geral intendo que tem hoje a mesma applicação que tinha quando eu o fiz ha trez annos. Infelizmente nenhum progresso posso accusar no ensino publico. Tudo está como era. Demosthenes podia ainda exprobrar aos athenienses de Lisboa de andarem a passear pelas ruas, em quanto Philippe estava a batter ás portas da republica. O nosso Philippe é a crassissima ignorancia. Ahi está o perpetuo germen das nossas dissenssões. E ora agora deixem-me lhe dizer um prognostico, que talvez poucos tenham attingido, e que é muito importante e por isso o digo. Não acudma com illustração ao povo e cada vez o hãode ver mais desinvolto, porque o effeito da lei de 13 de agosto tende a augmental-o com muita força, este augmento, e a liberdade no paiz sem instrucção não hade dar de si senão um permanente reboliço.

ma uma quota que corresponda ao mesmo subsidio, a qual sem dependencia de nenhuma outra determinação passará dos cobradores da contadoria para o cofre do thesouro-geral do districto.

Não chegando o subsidio ou o seu equivalente para o costeamento da instrucção, aggregar-se-ha mais á mesma decima, a quota que fôr necessaria, para se ella acabar de satisfazer.

Escholas.

A junta-geral assignará a cada um dos seus conselhos o número de escholas simultaneas que deve conter segundo a sua população. Este número não deve baixar até nova resolução de uma do sexo masculino por cada 600 fogos, e de outra do sexo feminino por cada 900. O povoado onde não houver este número de fogos, ajunctar-se-ha a outro ou outros até que todos junctos possam prefazer uma eschola de cada um dos sexos, devendo-se escolher aquelle local d'entre elles, que fôr mais conveniente para ella se estabelecer.

Nas cidades e villas, onde houverem mais de 4,000 fogos, serão as escholas simultaneas substituidas pelas de ensino mutuo, ou pelo menos alternadas.

Aonde houver mais de uma eschola convirá abrir a outra aos dias santificados, e aonde houverem mais de de duas, a terceira poderá ser nocturna e assim á proporção que a experiencia fôr mostrando a sua utilidade, tudo a fim de facilitar o ensino á população indigente que não podèr frequentar as aulas aos dias de semana.

Dos mestres.

Os ordenados fixos dos professores fóra de Lisboa e Porto, são cincoenta mil réis por anno; além d'estes percebem mais 1,000 réis durante o anno lectivo ou n'essa proporção sendo por menos tempo por cada alumno que frequenta a sua aula, verificada a frequencia pela auctoridade administrativa da terra onde a aula se achar colocada.

Os de Lisboa e Porto, serão em tudo o mesmo com a unica differença do ordenado fixo ter um augmento de 30$000 réis.

Os dos professores de ensino mutuo serão de 150$000 réis com os 1,000 réis por discipulo.

Os dos seus ajudantes terão o mesmo ordenado mas sem quota por alumno.

Tanto os mestres como os ajudantes passados 10 annos de professorado são exemptos elles e seus filhos do recrutamento para o exercito de primeira linha e da concurrencia para toda a outra milicia.

São exemptos mais, de todas as contribuições directas não excedendo a 10$000 réis annuaes; igualmente o são da congrua parochial e mais quotas municipaes no seu domicilio, não excedendo tambem a outros 10$000 réis.

As junctas geraes de combinação com o governador civil, concelho de districto, e thesoureiro-geral, proverão ao estabelecimento de caixas-economicas ou monte-pios nos seus respectivos districtos, onde em cada anno por cada professor, será depositada a juros compostos a quantia necessaria para a sua aposentação. Mais tarde se formará a tabella da quantia segundo o preço do juro e do tempo, assim como os estatutos por onde se devam reger éstas instituições.

Sôbre este fundo, os professores legalmente aposentados passado 10 annos de serviço, vencerão a terça parte dos seus ordenados e proventos, depois de 15, ametade, e com 25, a totalidade.

Todos os direitos especificados, debaixo d'este titulo, na parte que lhes possa ser extensivo, são applicaveis ás mestras.

Em identidade de aptidão serão preferidos os egressos no provimento do professorado para as escholas primarias, depois d'estes, os parochos nas suas respectivas freguezias, conservando-se distinctas a sua congrua a este, e prestação aquelle, do ordenado e mais proventos, que lhe podem ser attribuidos pelo regimen da aula.

Ferias annuaes.

O anno lectivo começa no dia primeiro de outubro e acaba no primeiro de settembro.

Dos pais de familia e seus filhos.

Depois de abertas as escholas, todo o pai de familia é obrigado a mandar éducar seus filhos ou pupillos, tanto de um como do outro sexo que viverem em sua companhia. Se o não principiarem a fazer, tendo elles 6 annos completos de idade e com aptidão phisica e intellectual, soffrerão a pena pelo primeiro anno d'ommissão, de 10 por cento mais de augmento em todos os impostos directos em que forem lançados, no segundo annos, vinte por cento, e assim por diante até dez annos em que deixarem de cumprir a obrigação que por ésta lei lhes é imposta.

A imposição d'esta pena será verificada perante o concelho de districto. A sua importancia será arrecadada pelo thesoureiro-geral para o cofre commum das despezas da instrucção primaria.

Todo o cidadão chegado a maior idade que não tiver frequentado as aulas d'instrucção primaria por negligencia de seus pais, e não tiver reparado essa falta adquirindo posteriormente o conhecimento das materias que alli se ensinam, perderá por esse seu desleixo, os direitos electivos politicos que lhe competiriam pelas suas circumstancias.

Estudos.

As materias de ensino primario, serão aquellas que ora vigoram com as modificações que forem julgadas necessarias pelas junctas-geraes, de combinação com o concelho geral director.

Fiscalicação.

A administração, policia, e economia das escholas primarias são da competencia das junctas-geraes que a delegam nas camaras municipaes dos seus respectivos municipios.

Disposições geraes.

É livre a todo o cidadão habilitado competentemente estabelecer quaesquer aulas desua conta particular com obrigação porém de as registrar no govêrno civil, suas licções, seu estipendio, e um mappa semestral de

movimento dos seus estudantes afim de se podêr formar a estatistica d'este ramo de serviço nacional.

Ésta lei é applicavel pela mesma fórma ás ilhas adjacentes e mais partes da monarchia, em tudo quanto fôr compativel com a sua organização civil.

Todas as outras disposições que existem na legislação vigente e que não contrariam as presentes, continuam a subsistir.

—

Devo advertir que este projecto e os que se seguem para os outros ramos, foram elaborados com o meu illustre e bom amigo, o Illm.º Sr. Francisco Freire de Carvalho, commissario-geral dos estudos.

—

No seguinte número seguirão as annotações a este projecto de instrucção primaria.

(*Continúa.*) *C. A. da Costa.*

PARTE LITTERARIA.

VIAGENS NA MINHA TERRA.

CAPITULO ULTIMO.

De como Carlos se fez barão. — Fim da historia de Joanninha. — Georgina abbadessa. — Juiso de Fr. Diniz sôbre a questão dos frades e dos barões. — Que não póde tornar a ser o que foi, mas muito menos pode ser o que... O que hade ser Deus sabe e proverá. — Vai o A. dormir ao Cartaxo. — Sonho que ahi tem. — Volta a Lisboa. — Caminhos de ferro e de papel. — Conclusão da viagem e d'este livro.

911 Acabei de lêr a carta de Carlos, intreguei-a a Fr. Diniz em silencio. Elle tornou-me:

— 'Leu?'

— 'Li.'

— 'Que mais quer saber? Sinto que lhe posso dizer tudo, não o conheço, mas...'

— 'Mas deve conhecer-me por um homem que se interesse vivamente...'

— 'Em que? nas eleições, na agiotagem, nos bens nacionaes?'

— 'Não Sr. Fui camarada de Carlos, não o vejo ha muitos annos e...'

— 'Nem o conhecia se o visse agora. Ingordou, inriqueceu, é barão...'

— 'Barão!'

— 'É barão, e vai ser deputado qualquer dia.'

— 'Que transformação! Como se fez isso, Sancto Dens! E Joanninha e Georgina?'

— 'Joanninha inlouqueceu e morreu. Georgina é abbadessa de um convento em Inglaterra.'

— 'Abbadessa?'

— 'Sim. Converteu-se á communhão catholica; era ricca, fundou um convento em — Shin e la está servindo a Deus.'

— 'E ésta pobre senhora, a avó de Joanninha?'

— 'Ahi está como a vê, morta de alma para tudo. Não vê, não ouve, não falla, e não conhece ninguem. Joanninha veio morrer aqui n'esta fatal casa do valle, eu estava ausente, expirou nos braços d'ella e de Georgina. Desde esse instante a avó cahiu n'aquelle estado. Está morta, e eu não espero aqui senão a dissolução do corpo para o interrar, se eu não for primeiro, e Deus queira que não! quem hade tomar conta d'ella, ter charidade com a pobre da demente? Mas depois oh depois... espero no Senhor que se compadeça emfim de tanto soffrer e me leve para si.'

— 'Mas Carlos?'

— 'Carlos é bom: não lh'o disse ja?'

— 'Mas por ser barão?..'

— 'Não sabe o que é ser barão?'

— 'Oh se sei! Tam poucos temos nós?'

— 'É o succedaneo...'

— 'Dos frades... Ruim substituição!'

— 'Vi um d'esses papeis liberaes em que isso vinha: e é a unica coisa que leio d'essas ha muitos annos. Mas fizeram-m'o ler.'

— 'E que lhe pareceu?'

— 'Bem escripto e com verdade. Tivemos culpa nós, é certo; mas os liberaes não tiveram menos.'

— 'Errámos ambos.'

— 'Errámos e sem remedio. A sociedade ja não é o que foi, não póde tornar a ser o que era; — mas muito menos ainda o que é. O que hade ser não sei. Deus proverá.'

O frade benzeu-se, pegou no seu breviario e poz-se a rezar. A velha dobava sempre, sempre. Eu levántei-me, contemplei-os ambos alguns segundos. Nenhum me deu mais attenção nem pareceu conscio da minha presença alli.

Sentia-me como na presença da morte e atterrei-me.

Fiz um esfôrço sobre mim fui deliberadamente ao meu cavallo, montei, piquei desesperadamente d'esporas, e não parei senão no Cartaxo.

Incontrei alli os meus companheiros; era tarde, fomos ficar fóra da villa á hospedeira casa do Sr. L. S.

Rimos e folgámos até alta noite: o resto dormimos a somno sôlto.

Mas eu sonhei com o frade, com a velha — e com uma enorme constellação de barões que luzia n'um ceu de papel, d'onde chovíam como farrapos de neve, n'uma noite pollar, notas azues, verdes, brancas amarellas, de todas as côres e matizes possiveis. Eram milhões e milhões e milhões...

Nunca vi tanto milhão, nem ouvi fallar de tanta riqueza senão nas mil e uma noites.

Acordei no outro dia e não vi nada.. So uns pobres que pediam esmola á porta.

Metti a mão na algibeira, e não achei senão notas.

Parti para Lisboa cheio de agoiros, de inguiços e de tristes presentimentos

O vapor vinha quasi vasio, mas nem por isso veio mais depressa.

Eram boas cinco horas da tarde quando desimbarcámos no Terreiro do Paço.

Assim terminou a nossa viagem a Santarem: e assim termina este livro.

Tenho visto alguma coisa do mundo, e apontado alguma coisa do que vi. De todas quantas fiz porêm, as que mais me interessaram foram sempre as viagens na minha terra.

Se assim o pensaes, leitor benevolo, quem sabe? póde ser que eu tome outra vez o bordão de romeiro, e va perigrinando por esse Portugal fóra, em busca de historias para te contar.

Nos caminhos de ferro dos barões é que eu juro não andar.

Escusada é a jura porêm.

Se as estradas fossem de papel, fa-las-iam, não digo que não.

Mas de metal!

Que tenha o governo juizo, que as faça de pedra que póde, e viajaremos com muito prazer e com muita utilidade e proveito na nossa boa terra.

A. G.

A POESIA LYRICA ENTRE OS ANTIGOS.

912 Parece indubitavel que a poesia em seus principios tivesse um character sacerdotal, e que o genero lyrico fosse o primeiro de todos. Sabemos que os egypcios, os phenicios, os arabes, os gregos, intoavam hymnos aos deuses em todos os sacrificios, e festividades religiosas. As mais antigas peças poeticas, que conhecemos são o Cantico de Moysés sôbre a passagem do Mar Vermelho, que póde comparar-se ás melhores odes de Pindaro, e o outro hymno do mesmo auctor, que principia «*Audito cœli quæ loquor*, cujo unico defeito é a demasiada extensão. Ora Moysés havia sido educado entre os sacerdotes egypcios, e d'elles adoptou muitas ceremonias, e entre ellas os canticos

Todos os hymnos dos hebreus, conhecidos pelo nome de psalmos, tem por objecto os louvores de Deus, e a instrucção moral; hymnos para acompanhar as offertas aos differentes Numes, são as poesias de Orpheo, ou para melhor dizer attribuidas a Orpheo, porque a sua linguagem claramente mostra que ellas não pertencem a epochas tão remotas. Os cinco livros poeticos, que os chinas contam entre os seus livros sagrados tem egualmente por objecto, das odes, e cantatas de que se compoem, os louvores de *Tien*, e o ensino da moral.

Era com cantos funebres que as donzellas de Sidonia deploravam pelos bosques do Libano a morte de Thamen, e a viuvez de Astarte; e era com alegres psalmos, que celebravam a sua resurreição; o mesmo praticavam as donzellas gregas com o morte e ressurreição de Adonis, que era o mesmo mytho, com diversos nomes.

Depois é que a lyra junctou ao louvor dos deuses os encomios dos heroes, e das bellas, e que a poesia se tornou profana.

É cousa mui difficil, se não impossivel, assentar hoje juizo seguro sôbre o character geral, e estylo da poesia lyrica dos antigos n'esta segunda epocha, porque nos faltam as provas, e documentos para instaurar este processo. É verdade que chegaram até nós acompanhados de muitos encomios os nomes de bastantes lyricos gregos, como Alceo, Sterichon, Simonides, Alemnon, Theophonte, Sapho, Corina, Terponho. mas onde estão as composições d'esses afamados cantores? Apenas de alguns d'elles se conservam escassos fragmentos, pelos quaes mal póde avaliar-se o seu estylo, e o seu modo de colorir.

Toda a poesia lyrica dos gregos se reduz para nós ás odes de Anacreonte, e Pindaro, e isto ainda deixando de parte o averiguer se as bellissimas odes eroticas, e bachicas, que correm em seu nome são verdadeiramente do poeta de Theios, e é preciso confessar que dá muita força a opinião dos hellenistas que o negam, o serem ellas escriptas em um dialecto, que era o da patria de Anthos.

Nada mais chistoso, mais elegante, mais incantador e apaixonado, que estas cançonetes, inspiradas, e improvisadas, segundo parece na ardencia do amor, e do vinho: que melodia tão suave a dos seus versos! Que abandono! Que ligeiresa, que philosophia tão epicuristica! Que toques tão rapidos, e tão volupiosos! Que ficções tão amaveis, que pensamentos tão delicados! Que desapêgo dos bens do mundo! Que desaffectado desprezo da morte! Certo se algum poeta merece o nome de inimitavel é sem duvida Anacreonte!

Por fortuna conservámos um grande numero de odes de Pindaro, em que celebra os athletas vencedores nos jogos olympicos, isthmicos, pythicos, e nemeios; mas se estas composições bastam para o avaliarmos como o genio mais eminentemente lyrico, que produziu a antiguidade, não bastam para fazer idéa da flexibilidade do seu estylo, e do colorido todo da sua poesia. Todas as odes, que d'elle temos são de genero heroico, e seus assumptos são quasi identicos, e grande força de phanthasia lhe foi necessaria para disfarçar a monotonia do fundo dos seus quadros. Este inconveniente é mais para os modernos, que para os gregos, que punham naquellas festividades nacionaes uma grande parte da sua gloria.

Horacio em uma de suas odes dá testemunho de que Pindaro composéra muitas poesias eroticas, funebres, e dythirambicas, e como é claro que n'estes escriptos havia elle empregar um estylo, e modos mui differentes do que reina nas suas odes heroicas, podêmos affoutamente concluir que a respeito de Pindaro estamos no caso de conhecer o gigante pelo dedo.

Calculando desta fórma, devia elle ser um Adamastor! Sua imaginação é um Vesuvio inflammado vo-

mitando turbilhões de chamas, que sobem aos ceus! Nada mais musical, que a cadencia dos seus versos, e das suas estrophes! O seu colorido é novo, as suas reflexões profundas, as suas discripções vivissimas; elle sabe com admiravel facilidade sahir do assumpto, voltar a elle, junctar mil objectos disparatados, e grupar tudo com graça e facilidade. Posto que o character, e tom geral do seu estylo é a energia e a força, elle sabe quando quer matizal-o com pinturas mimosas, e agradaveis. Os seus voos por elevados que sejam, não o cansam, e quando desce não é cahinda, mas pairando magestosamente até parar sem fadiga.

Além d'estes predicados que tornam a Pindaro e enlevo dos poetas, e dos afeiçoados á boa poesia, tem elle outro que o torna mui interessante para os que são somente eruditos, e é que nas suas poesias se incontra um grande número de mythos, e de factos historicos, que estão tocados com tanta clareza, que espalham grande luz sôbre os factos da Grecia, e os costumes, usos, e supersticções dos seus povos!

Horacio, que sabia grego como nenhum de nós o póde saber, e que era juiz tam competente na materia, diz que o querer competir com Pindaro é ser tam atrevido como elle, e querer como elle precipitar-se Compara a sua poesia a um rio que se despenha de uma alta catadupa, com grande estrondo, e impeto. Os maiores lyricos modernos como Chiabrera, Rousseau, Herrera, Gray, Antonio Diniz da Cruz e Silva, e o grande Francisco Manuel do Nascimento, todos tem rendido homenagens ao cantor do Ismeno, e feito glória de imital-o, e de seguir as suas pisadas. Alexandre entrando em Thebas á força d'armas, e mandando pôr-lhe fogo, mandou escrever nas portas da casa em que elle habitava — *ésta é a casa de Pindaro, não a queimem.* Ésta ordem é digna do discipulo de Aristoteles do guerreiro que dormia com Homero á cabeceira, e que guardava a Iliada na caixa achada nos espolios de Dario, que passava por um movel precioso, dizendo que so aquelle poema era digno de guardar-se n'ella.

Não é assim que se honram os poetas entre nós, la jazem em uma sepultura de Sancta Anna os ossos de Camões, a quem deixaram morrer de fome em um hospital, e a quem senão permittiu erigir um monumento. La estão depositados em Sancto Antonio da Sé os ossos de Francisco Manuel mandados vir de França para se recolherem em um tumulo que se projectou erigir-se-lhe no cemiterio dos Prazeres, e para cuja obra a camara de Lisboa abriu subscripção, sem que uma so pessoa se achasse com animo de assignar o seu nome, para favorecer este projecto patriotico, e á vista d'isto.

Speramus carmina fingi
Posse linenda cedro, et levi servando cupressu?
Horat!

Se passarmos a Roma, acharemos que foi ainde mais infeliz do que a Grecia, pois não so pereceram as obras dos seus poetas, mas nem os seus nomes ficaram em memoria. É verdade que podemos consolarnos com o juizo de Quintiliano, que diz sem receio, ou rebuço «que Horacio era o unico lyrico romano, que podia ler se» e felizmente as poesias de Horacio escaparam da invasão dos barbaros, e dos frades, que tantas obras antigas fizeram desapparecer e raspando os manuscriptos para n'elles escrever legendas monachaes, e meditações asceticas, e ha por ahi boas almas que julgam que se deve a elles a conservação dos auctores antigos!

Horacio é o meio termo entre Pindaro, e Anacreonte, e sem duvida o poeta de gôsto mais puro, que produziu a antiguidade. Com imaginação menos viva que Pindaro, elle o imita nos raptos poeticos, nas digressões, na bella desordem que constitue o genio da ode, na franqueza de entrar sem preparatorios no assumpto, e do feliz acabamento d'elle; mas as suas tintas são mais suaves, os seus toques mais mimosos, e tem mais variedade nos seus assumptos. O seu estylo é cheio de imagens graciosas, como a do poeta grego de imagens fortes; é lisongeiro, porque escrevia na corte de um principe de quem era valido, ao passo que Pindaro escrevendo para um povo livre e meio civilizado, não precisava de recorrer a esses meios, que de ordinario peiam o estro. E comtudo elle soube desenhar a alma de Regulo, dando-lhe toda a grandesa que tal pintura exigia. Nada mais energico que a prosopopeia de Asdrubal derrotado; mais philosophico que a ode à Fortuna, e aquella em que insinua que se transfira a sede do imperio para Terya! Que coisa mais graciosa que a ode a Barina, a Lidia, a Lyce, e tantas outras do genero erotico e galante! Rivalisam com ellas as suas odes meraes tam cheias de eloquencia e doutrina!

Horacio tem mais admiradores do que Pindaro, não so porque ha mais leitores que intendam latim do que grego, mas porque os seus versos criticos, moraes e de sociedade, o tornam mais popular do que o poeta de Thebas; mas talvez que não acontecesse assim, se acaso se não tivessem perdido outros escriptos d'este. É muito para lamentar ésta perda, e ainda mais, que nem d'elle, nem de outro algum lyrico se conservasse um so dythyrambo, para conhecermos por elle que cousa era essa composição, assim como fazemos idea do drama satyrico, pelo Cyclope de Euripedes, unica obra d'este genero, que escapou as garras do tempo.

As unicas noções que temos do dythyrambo dos antigos, nos foram transmittidas por Horacio, que diz no elogio de Pindaro, que era uma *composição atrevida*, que n'elle se *derramavam com mão larga palavras novas, compostas e renovadas*, por éstas ideas se regulam os modernos lyricos, que se deram a compor dythyrambos, distinguindo-se muito n'este genero Redi, Gutemberg, Antonio Diniz, e Francisco Manuel.

O resto da poesia lyrica dos latinos reduz-se a alguma ode de Catulio, quasi todas anacreonticas, e muito estimadas pela aurea pureza da sua linguagem, pela doçura da sua versificação, e pela naturalidade de seus sentimentos; muitos criticos, fazendo justiça ás suas poesias, lhe perferem as de Anacreonte, e eu firmemente declaro, que sou d'essa opinião.

Póde juntar-se ás odes d'este poeta o *Pervigilium Veneris* de outro vate do mesmo nome, mas de differente patria, e quasi inteiramente desconhecido dos leitores ordinarios; este pequeno poema é uma especie de hymno para ser cantado nas vesporas da festa annual da Deusa do Amor, e n'elle apesar de alguma affectação de estylo, se encontra uma poesia ricca de imagens, de sentimentos, e de ideas delicadas; de certo que merecia ser mais conhecido.

Algumas odes ha tambem, posto que em pequeno numero, entre as chamadas *Sylvas* de Estacio, a melhor d'ellas me parece ser a que, em louvor de Lucano, elle dirige á viuva do cantor da *Pharsalsia*. N'estas odes reina o espirito elevado e estylo pittoresco do cantor da Thebaida e da Achileida, mas falta-lhe aquella flexibilidade e graça que characterisa o estylo lyrico.

A poesia lyrica entre os antigos era sempre cantada e acompanhada de instrumentos, especialmente da lyra, e d'ahi lhe proveio a denominação, e é isto o que especialmente a differença da poesia lyrica dos modernos, que é composta para ser lida, ou recitada; nem sabemos que haja costume de cantar odes senão em Inglaterra, na festa de Sancta Cecilia, todos os annos, sobrenadando no naufragio das innumeraveis que se tem composto, para isso, as tres que foram escriptas por Pope, Addisson, e Dryden, sendo ésta a que se julga superior a todas.

C...

CONVENÇÃO A FAVOR DA PROPRIEDADE LITTERARIA AJUSTADA ENTRE A INGLATERRA E A PRUSSIA.

913 Pareceu-me interessante, e util a muitos respeitos, publicar na sua integra este tractado assignado no 1.º de settembro último, pelo qual é garantida a propriedade das suas obras aos auctores, compositores de musica e artistas, nos Estados da Inglaterra e da confederação-commercial (Zollverein). Pareceu-me ver n'este tractado o nucleo de uma associação importante a que todos os outros Estados são convidados. Ja se diz que a Saxonia adheriu a ésta convenção, fundada sôbre a equidade e o interesse das lettras. É d'esperar que todas as outras nações illustradas venham a fazer parte d'esta como associação litteraria.

Artigo 1.º

Os dois Estados reconhecem e garantem reciprocamente os direitos de propriedade dos livros, peças de theatro e obras de musica; a mesma protecção se intende com os inventores, desinhadores e gravadores, obras de esculptura, e finalmente a todas as producções sejam quaes forem de litteratura e bellas-artes.

Em todo e qualquer producto d'este genero, publicado pela primeira vez em qualquer dos dois Estados, gozarão seus auctores dos mesmos direitos como se fossem nacionaes, e ficarão pela lei ao abrigo de toda a qualidade de furto.

Os representantes dos auctores assim que justificarem os seus direitos, serão tractados em tudo como se fossem os proprios auctores.

Artigo 2.º

Ninguem poderá gozar d'esta protecção, em nenhum dos dois Estados, se a obra a favor de que for reclamado o direito de propriedade não tiver sido previamente deposta e registrada pelo seu auctor, ou procurador, do modo seguinte:

1.º Se a obra for publicada nos Estados da Prussia, será deposta e registrada no livro de registro da companhia dos livreiros em Londres.

2.º Se a obra for publicada nos Estados da Gran'Bretanha será registrada n'um livro que haverá para este effeito no ministerio dos negocios ecclesiasticos, educação e medicina, da Prussia.

Artigo 3.º

Os auctores das peças de theatro ou composições de musica representadas pela primeira vez em qualquer dos dois Estados, ou seus procuradores, são egualmente protegidos contra a representação ou execução de suas obras do mesmo modo que os auctores nacionaes, com tanto porém que hajam cumprido com o disposto no artigo antecedente.

Artigo 4.º

Os direitos de importação na Gran'Bretanha, dos livros, impressos ou desenhos publicados na Prussia, ficam reduzido do modo seguinte: (*Segue a tabella*). Devendo intender-se porém que qualquer obra de que uma parte seja do dominio publico na Gran'Bretanha, será havida como obra original publicada na Gran'Bretanha e reimpressa na Prussia, e ficará subjeita aos direitos de..., ainda mesmo quando se lhe tenham feito additamentos originaes, se estes não forem todavia equivalentes em extensão á parte da obra que tiver sido originariamente publicada na Gran'Bretanha, porque n'esse caso não será havida como obra original publicada na Gran'Bretanha.

Artigo 5.º

(Manda sellar as obras nas alfandegas para os effeitos necessarios).

Artigo 6.º

Não ha nada n'esta convenção que se possa oppor ao direito que tem cada uma das partes contractantes de prohibir a importação nos seus Estados de todos os livros que, segundo as suas leis, são considerados como furto ou attentado contra o direito de propriedade litteraria.

Artigo 7.º

No caso em que alguma das partes contractantes venha a fazer tractado para reconhecimento do direito de propriedade litteraria internacional com alguma terceira potencia, os artigos acima estipulados lhe serão egualmente applicados.

Artigo 8.º

Os Estados da Allemanha que estão unidos á Prussia na confederação-commercial, ou que posteriormente se vierem a reunir, terão direito de fazer parte d'esta convenção, e as obras d'esses Estados gozarão dos mesmos direitos que as da Prussia.

Artigo 9.º

A presente convenção começará a ter execução desde o 1.º de settembro de 1846, e durará por cinco annos a contar d'esta data; findos os quaes poderá ser prolongada, avisando-se reciprocamente as partes contractantes um anno antes.

O PERIGRINO.

914 «Ja não posso achar caminho
Que é mui densa a escuridão;
Sopra o norte com violencia,
De neve se cobre o chão...
Ai! abri depressa a porta
Havei de mim compaixão.

«Não pertenço a Mafamede,
Não sou christão renegado,
Não sou travesso duende
Para fazer mal levantado,
Não sou imigo do rei,
Do rei nosso muito amado.

«Sou um pobre perigrino
Que á Palestina passei
Onde o tumulo de Christo
Com meus braços abracei,
E sobre os crimes do homem
Tristes lagrymas chorei.

«Venho exhausto de fadiga,
Trago triste o coração,
Quero vêr se em minha terra
Posso achar consolação:

Tenho frio; abri-me a porta,
Havei de mim compaixão.

«Não trago o ouro da terra,
Trago reliquias sagradas,
Reliquias da sancta terra
Por Jesus assignaladas,
Por Jesus que quiz morrer
Por nossas acções malvadas.

«Dar-vos-hei d'essas reliquias,
E a benção celestial,
Que o padre sancto ha lançado
Á nossa terra natal,
E tereis do perigrino
Um bom desejo final.

«Abri por Sancta Maria;
Sinta dó teu coração;
Perdi-me não sei caminho,
É mui negra a cerração:
Tremo, gello; abri-me a porta,
Havei de mim compaixão.

«Mas teu portão não se abre,
E os meus lamentos sentidos,
Meus queixumes dolorosos,
Em vão por ti são ouvidos;
São baldadas minhas dores,
São baldados meus gemidos.

«Que farei!.. Meu Deus, piedade!..
Sinto-me desfallecer:
Pouco a pouco o sangue pára,
Nem meu cor! sinto bater...
Nunca pensei, ó meu Deus,
Fosse tão facil morrer.

«Largar ja tarda á minh'alma
Sua terrena prisão,
Ir demandar em teu seio
Eternal habitação...
Eu morro... ó Deus... n'este trance...
Havei... de mim... compaixão.»

Mas o senhor do castello,
Da riqueza assoberbado,
Pela queixa dolorosa
No ricco leito acordado,
Disse assim aos seus vassallos,
De infernal senha agitado:

«Lançae p'ra longe esse escravo,
Que meu somno ousa turbar;
O seu pedido é insulto,
A lingua lhe ide cortar;
Se resiste... essas adagas
Façam-lhe a vida acabar.»

E os crueis adagas tiram,
Abrem o ferreo portão,
E á luz das tochas enxergam
Prostrado um velho no chão,
Que diz morrendo, «ó meu Deus,
Havei de mim compaixão!»

L. Ribeiro.

11 de settembro de 1846.

* Ja tive occasião de pedir para este termo uma carta de naturalização attentas as boas razões que para isso havia; mas se elle não agrada, imaginem outro que signifique o mesmo, e tenha egual numero de syllabas.

BIBLIOGRAPHIA.

915 As canções portuguezas tem merecimento para formarem uma collecção tam rica como variada. Todas as nações possuem cantos populares, e era ja tempo de Portugal colligir os seus, notaveis pela sua singela e poetica melodia. A lingua presta-se como as melhores, e ha motivos que se destinguem por uma grande ligeireza de estillo. O auctor do 'Beijo' (*), desejando pôr ao alcance de todos éstas composições e facilitar o seu conhecimento, emprehendeu publicar, coadjuvado por notabilidades d'este paiz no que diz respeito á lettra, a collecção da maior parte das cantigas portuguezas, tanto antigas como modernas, preferindo das primeiras as que se characterizam pelo typo verdadeiramente peninsular, e das segundas as que ao gosto reunem a simplicidade e a arte. Acceitar se-hão entre as ultimas as que incluirem as qualidades acima requeridas, sendo rogado, para concorrer e inrequecer ésta collecção, qualquer portuguez que se queira distinguir n'este genero.

Esta collecção sahirá n'um caderno de trinta a quarenta paginas, pago no acto da entrega.

O auctor espera que será auxiliado no seu empenho pelos portuguezes que decerto avaliarão que n'elle está o desagravo do preconceito injusto com que se tem calumniado a sua lingua.

O preço de cada collecção será de 1$440 a 1$920 não sendo ainda bem determinado o justo numero das paginas.

VARIEDADES.

O REI DOS FLORISTAS.

916 Contâmos hoje em França tres notabilidades que cadauma em seu genero fazem honra ao nome portuguez. Estou-me lembrando do Sr. Visconde de Santarem, da Sr.ª Nilo e do Sr. Constantino, conhecido em Paris pelo titulo assaz distincto de rei dos floristas. Se quizesse porém fazer uma lista de todos os portuguezes illustres que hoje se distinguem na ca-

(*) Deve aqui entender-se: da musica da farça intitulada *O Beijo*, porque o auctor da lettra é por emquanto alheio a ésta empresa.

Da Red.

pital do mundo illustrado, não esqueceria o Sr. Padre Tavares (Sacra-Familia) que alli regeu o melhor collegio de França, os Srs. Constancio, Roquete, Fonseca, Moura e Visconde da Carreira, cujos trabalhos litterarios são constantes e de muita valia. E eu não quero mencionar o falecido Sr. Silvestre Pinheiro, que alli se fez tam conhecido e apreciado, e ainda outros.

Ja se ve que o nome portuguez em França, pelos nossos compatriotas que ahi residem actualmente, não póde deixar de ser bemquisto. Mas limitando-me particularmente ao Sr. Constantino, de quem ja por vezes tenho lido o gôsto de fallar n'este e outros jornaes, e que decerto será muito conhecido de todas as minhas elegantes leitoras, transcreverei aqui o que se le a seu respeito, n'um dos ultimos números do jornal francez a *Presse*. Diz assim:

«Quando se approximar a aspera estação do inverno, teremos ainda para nos acreditarmos nos bellos dias da primavera e do estio, as flores de Constantino. Este artista, tam zeloso como habil, persuadiu-se que não ha que ter socego na estrada do bem; e com ardente amor da perfeição a tem trilhado sem parar. Decerto, que muitos outros a não serem elle, repousariam sobre o bello e grande renome que lhe foi adjudicado pelo jury da ultima exposição da industria nacional. A outros bastaria isso, a elle não. Uma viagem toda artistica acaba Constantino de fazer agora tendo-nos dado a *flora franceza*, vai dar-nos tambem a *flora italiana*. Passou aos ares do lindo ceu de Florença, Pisa e Roma, la foi estudar, procurar novos matizes, e quando o mundo elegante voltar a Paris fugindo do inverno, achará em casa de Constantino prodigios que não ha com que comprar. Os seus armazens, como se sabe, são jardins de fadas. Alli, como nos *Jardins d'hymverno* ou nos *Campos-Elysios*, se vai buscar o ramalhete para trazer na mão, para pôr no peito, ou para infeitar a cabeça. E como é que a alta sociedade deixaria de tomar Constantino para seu florista favorito quando as rainhas lhe dão tammanhas provas do seu favor? D. Maria da Gloria, rainha de Portugal, dignou-se conceder-lhe, attendendo ao progresso que elle tem introduzido no commercio das flores artificiaes, o habito de Sanctiago, * e em França se querem saber como Constantino é estimado, leiam o relatorio-official da última exposição dos productos da industria franceza, e ahi verão o seu nome posto em primeiro logar. Aqui está como se exprime o jury.

«As flores de M. Constantino são de tal modo conhecidas em toda a Europa que é impossivel não fallar d'ellas com elogio. Todos os characteres de uma flor natural estão estudados com tanto cuidado, executados com tal belleza e naturalidade, que se distinguem de todas as outras. Priviligiado ja por certos processos que lhe são particulares. M. Constantino occupa hoje mais de cem officiaes. Emprega mais de cento e cincoenta mil francos de diversas fazendas e apprestos. A sua venda sobe a trezentos mil francos, dois terços para fóra do reino.

«O jury não podendo applicar à industria das flores artificiaes uma medalha superior à de bronze, adjudicou a primeira d'ellas a M. Codstantino, e inscreveu o seu nome à frente dos fabricantes de flores artificiaes, onde ja estava collocado pela voz publica, que altamente tem proclamado a sua superioridade, confirmada pelo jury central.»

Ao ler ésta decisão competente assim como se não póde ser indifferente à glória alcançada por um nosso compatriota, assim se não póde tambem deixar de louvar a imparcialidade de juizes que d'este modo fazem justiça ao merito de um extrangeiro.

* Por decreto de 21 de fevereiro do corrente anno.

Da Redac.

CIRCO-LARIBEAU.

DEBUTE DO SR. AURIOL.

916 Depois de fechado por algumas semanas o Circo recomeçou domingo (8) o curso de seus espectaculos. A novidade da noite foi o debute do Sr. Auriol, a *maravilha*, o *enfaint-chéri*, dizem os jornaes francezes, do Circo-olympico de Paris.

O Sr. Auriol é membro da immensa familia dos palhaços, e pertence ao genero dos *equilibristas*. Hoje que o mundo se vai compondo ou decompondo em todas as suas partes, e coisas, tambem o arlequim, divertida invenção da comedia italiana, vai apresentando na sua descendencia uma variedade interminavel, modificada e multiplicada todos os dias pelas innumeraveis invenções e descubertas do genio saltimbanco. O *polichinella*, o *arlequim*, o *clown* e o *palhaço*, não são exactamente a mesma coisa. Mas para não cansar agora os leitores com uma mui erudicta dissertação sôbre arlequins, que bem e bem fartos de os aturar andamos todos nós... venhamos ao Sr. Auriol, e basta que se saiba que elle pertence á familia.

O Sr. Auriol assim que se apresentou captivou logo as sympathias do publico, pela sua grande vivacidade, ar naturalmente ingraçado, e figura pequena e flexivel. Ao vel-o trabalhar admirâmos a facilidade da execução, a espontaneidade com que faz as difficuldades do genero, que parecem como que uma coisa corrente e normal, e a naturalidade e graça de todos os seus movimentos. Não vimos novidade por ora em nenhum dos equilibrios, pulos e cambalhotas que executou, a não serem os saltos das fachas a cavallo, com as pernas hirtas; mas na ligeireza, na espontaneidade, no acabado da execução, ja se póde dizer que excede a Rattel e tudo quanto até aqui tinhamos visto. É inexplicavel a graça, o modo natural e a perfeição com que executou as sortes das cadeiras.

Na continuação dos seus debutes, é provavel que eu venha a ter occasião de tornar a fallar no famoso equilibrista, que parece que se demorará pouco tempo em Lisboa. Aviso aos amadores.

MISSELLANEA.

917 Em 1610 ainda se reputava em Inglaterra como uma das manias de Thomaz Coryarte o ter trazido de Italia, onde viajára, um objecto tão *superfluo* como era um garfo.—Estes eram ainda pouco conhecidos nesta parte do mundo no fim do seculo X pois refere San'Pedro d'Amiens, com horror, que a irmã de Romano Argilo mulher de um dos filhos de Pedro Orséolo, Doge de Veneza no anno 991, usava de uma especie de colheres e garfos dourados para levar o comer á bocca, em logar de empregar para esse effeito os dedos, como todos faziam; o que elle olhava como um luxo superfluo que accareton a ira do ceo sôbre sua cabeça e de seu esposo, pelo que morreram ambos de peste em 1005.

—— D. Luiz de Sousa, que foi Deão da Sé do Porto, bispo capellão-mór d'el-rei D. Pedro II foi quem introduzu em Lisboa o Laus-Perenne que ainda permanece, conservando-se, sem

interpolação, manifesto o Santissimo-Sacramento em uma das egrejas da mesma cidade, as quaes se vão alternando em perpetuo circulo.

— O primeiro filho primogenito dos reis de Portugal a quem se deu o titulo de principe foi a D. Aphonso filho d'el-rei D. Duarte e da rainha D. Leonor que nasceu em Cintra a 5 de janeiro de 1432; (depois el-rei D. Aphonso V) tendo até alli todos os que lhe precederam unicamente o de infante.

— Alberto Durer é o inventor da gravura d'Agua forte.

— A gravura de pedra veio-nos dos Phenicios e dos Egypcios.

— Posto que Carpi passe por auctor da gravura de madeira, é muito de suppor que nada mais fizesse que aperfeiçoal-a, visto que de tempo immemorial fazem uso d'ella os Indios e os Chinas.

— A gravura em cobre foi inventada por Thomaz Finiguerra, ourives de Florença.

— A gravura a pincel foi imaginada por Stapart.

— A gravura de côres deve-se a Christovão Leblond, negociante em Franckfort que a inventou em 1720.

— A gravura a negro ou *mezzatinta* foi descoberta pelo principe Rupert.

— No anno 515 inventaram os romanos os moinhos de agua.

— O primeiro relogio que se viu com grande admiração da gente d'aquelle tempo, foi o que colocaram na torre da egreja cathedral de Sevilha em 1340.

— *Livros curiosos.* No ex-mosteiro de Sancta Cruz, na cidade de Coimbra, havia um livro, chamado *Negro*.

No ex-convento da ordem militar e cavallaria de Christo, em Thomar, existia um livro, chamado *Beserro*.

No ex-convento da ordem militar e cavallaria de S. Thiago da Espada, na villa de Palmella, havia um livro, chamado *Vermelho*, e outro dos *Copos*.

Na extincta casa da supplicação, permanecia um livro, chamado *Verde*.

No extincto senado da camara de Lisboa, existia um livro chamado dos *Prégos* ou das *Gralhas*.

Os livros supracitados continham leis, privilegios, doações, batalhas, nascimento e morte de pessoas reaes e notaveis dos mestres da ordem do templo, dos de Christo e San'Thiago, maravilhas, terremotos, epidemias, tempestedes, vidas de sanctos e beatos, canonizações, cartas de foraes, ordenações de reis, capitulos geraes de cartas etc.

A egreja, e ex-mosteiro da invocação de Nossa Senhora de Belém, que pertenceo aos monjes da ordem de S. Jeronymo, foi fundado por elrei D. Manuel no anno de 1500, pelo risco e desenho do architecto Botaca, ou Boytaca, italiano, para memoria do regresso da primeira viagem do grande, sempre affamado, e corajoso argonauta Vasco da Gama, em 29 de julho de 1499, no qual se realisou a esperança do descobrimento da India.

O busto do architecto está esculpido em meio relevo na primeira columna que fica ao lado do Evangelho, juncto ao degráo que faz subida para o pavimento do cruzeiro.

« E recolhido o Santissimo Sacramento ao magnifico tabernaculo de prata, davida preciosa do magnanimo rei D. Manuel etc. » Veja se o Diario do Govêrno n.° 86, anno de 1845, col. 20 lin. 11.

« O sacrario, que é de madeira chapeado de folha de prata, mui bem lavrada ao cinzel; representa na *Porta Cœli*, a adoração dos Reis Magos, e aos lados tem columnas de varios lavores imitando folhagens, e sob a porta se lê esta inscripção:

O principe D. Pedro, que Deos guarde, deu este sacrario a este real mosteiro de Belem, no anno de 1675

Veja-se a descripção do real mosteiro de Belem com a noticia da sua fundação, pag. 28, lin. 23. pelo abbade Castro. Anno 1840.

Atraz d'elle faz-se notavel um grande sacrario chapeado de folhas de prata lavrada de bastiães, tendo na *Porta Cœli* em meio relevo a adoração dos Reis Magos, e lendo-se por baixo:

O principe D. Pedro, que Deos guarde, deu este sacrario a este real mosteiro de Belem no anno de 1675.

O Abbade Castro.

CORREIO EXTRANGEIRO.

918 A cidade de Munich onde as bellas-artes teem hoje, por assim dizer, a sua séde, sob a influencia de um monarcha illustrado, acaba de ser dotada com um estabelecimento que completa alli o circulo de protecção a todos os ramos das bellas-artes: é a creação de um conservatorio de musica, o primeiro estabelecimento d'este genero que é fundado na Allemanha.

Acaba de morrer em Inglaterra o illustre patriarcha dos abolicionistas, como os inglezes lhe chamam, Thomaz Clarkson, que nasceu em 1760. Era ecclesiastico. Impenhado toda a sua vida, desde o collegio, em fazer abolir o trafico da escravatura, creou em Londres uma associação com esse fim, fez discursos publicos em muitas cidades de Inglaterra, conseguiu mandar ao parlamentos muitas peticões a favor da abolição, fez apresentar ahi ésta questão por Wilberforce, até que afinal triumphou e teve a satisfação de ver coroados os seus immensos esforços, o seu busto e o seu retratto inaugurados publicamente, e o seu nome immortalizado e bemdito por todos os amigos da humanidade.

CORREIO NACIONAL.

919 *Praça de Lisboa* — Na semana última poucas transacções se fizeram no mercado, cuja extracção, segundo a *Folha Commercial* se limita ao consummo do paiz. Pequenas transacções em fundos publicos; poucos compradores ás acções de companhias. Os metaes conservaram os preços. O agio das notas chegou a 700 réis. Os fundos publicos desceram. As acções do Banco de Lisboa e Porto tambem desceram; e egualmente as das Pescarias, Confiança-nacional e Obras-publicas.

A assemblea do Banco, reunida hontem á noite (10) aprovou o parecer da commissão que d'entre elles tinha aprovado, com algumas alterações, o projecto de decreto proposto pelo governo para a união da Companhia-Confiança ao mesmo Banco, e uma outra combinação com a Companhia das Obras-publicas; ou antes a creação de um novo Banco denominado de *Portugal* com o capital de 11,000:000$000 réis. São bastantes os artigos d'esta combinação e por isso os não transcrevo hoje. A emissão de notas é fixada até á quantia de 5,000 contos: o Banco amortizará 18.000$000 réis todos os mezes: fica auctorizado a emittir notas de 1$200 e 2$400 réis: os accionistas da Companhia-Confiança fornecerão ao Banco 1,200 contos etc. etc.

Nos mezes de setembro e d'outubro último entraram no Supremo Tribunal de Justiça 62 autos, foram julgados 12, ficaram pendentes 771.

Por decreto de 2 do corrente, são revalidadas todas as disposições do decreto de 3 de maio e alvará de 13 do mesmo mez, pelos quaes se concedêra a Claudio Adriano da Costa e José Detry o privilegio d'invenção de um novo apparelho para a fabricação de gaz e o exclusivo da illuminação particular e publica da cidade de Lisboa, que tinham sido revogados por decreto de 6 de julho.

No ultimo d'outubro existiam na Alfandega do Terreiro 7,101 moios de trigo, 1,343 de cevada, 382 de milho, 185 de centeio. O preço do trigo foi de 480 a 780 réis, o da cevada de 300 a 400 réis, o do milho de 280 a 400 réis, o do centeio de 360 a 400 réis.

No dia 8 entrou o vapor inglez *Queen* (paquete do sul) de Gibraltar e Cadiz, com 46 passageiros. Sahiu no dia 10 para Southampton com 112 passageiros.